

FANZINES: IMAGENS DE MULHERES ENTRE *SKATISTAS* DO AMAZONAS E RORAIMA NOS ANOS DE 1999 A 2003

FANZINES: IMAGES OF WOMEN AMONG SKATEBOARDERS IN AMAZONAS AND RORAIMA FROM 1999 TO 2003

Jimmy Iran dos Santos Melo¹

RESUMO

A pesquisa procura analisar as construções visuais de fotografias em imagens de jovens mulheres em fanzines do estado do Amazonas e Roraima, no período compreendido entre anos de 1999 a 2003. Assim, analiso as construções visuais em participações de eventos esportivos, bem como em práticas *skatistas*, sendo registradas em revistas e fanzines, que foram produzidas por grupos envolvidos na divulgação do *skateboard* na Amazônia brasileira. Desta maneira, busco discutir as utilizações das imagens pela metodologia dos estudos da Cultural Visual em problematizações voltadas aos questionamentos de como ocorreriam as produções de imagens fotográficas para as construções visuais do feminino entre grupos do *skate* da época.

Palavras-chave: Fanzines; Cultura Visual; Skate.

ABSTRACT

The research aims to analyze the visual constructions of photographs in images of young women in fanzines of the state of Amazonas and Roraima, from 1999 to 2003. Thus, I analyze the visual constructions in sporting events participation, as well as in skateboarding practices, as registered in magazines and fanzines, which were produced by groups involved in the promotion of skateboarding in Brazilian Amazon. In this way, I discuss the uses of images by the methodology of Cultural Visual studies in problematizations aimed at questions about how photographic image productions would occur for the visual constructions of women among skate groups that time.

Keywords: Fanzines; Visual Culture; Skateboard.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As produções das imagens buscam satisfazer um público específico, embora, terminem por atingir outros que não fazem parte das conexões que estão sendo perseguidas em sua própria lógica visual, na medida em que é estabelecida ao sentido de atingir ao público. É nesse sentido, que a imagem busca atrair “o olhar de quem a produz, ou do autor, e o outro de quem a recebe” (Vicente, 2000, p. 147). Além disso, temos aqueles que concordam com as percepções das produções da imagem, no sentido de compartilhamento do nicho de consumo das produções imagéticas.

Posto isto, a pesquisa procurou analisar as imagens das jovens mulheres em fanzines criadas por *skatistas* dos estados do Amazonas e Roraima entre anos de 1999 a 2003, em que,

¹ Mestre em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF), especialista em História, Cultura Africana e Afro-brasileira (IFAM), graduado em História, docente no Colégio de Aplicação na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Aluno do Doutorado em História na Universidade de Passo Fundo – (UPF). Bolsista CAPES II. Orcid: 0000-0002-2648-5507

retratam as participações destas em eventos do *skate* nas práticas do esporte em espaços públicos e privados, além de outras atividades que envolviam atuações das mulheres entre os praticantes dos grupos do *skateboard*.

Diante disso, busco discutir como essas mulheres foram sendo construídas visualmente em imagens fotográficas, em desenhos das revistas e grafites fotografados para as revistas. Para isso, utilizo na pesquisa, imagens fotográficas das revistas brasileiras de grande circulação em lugares do surgimento do *skateboard*, influenciadas pela publicidade de marcas dos Estados Unidos da América, para posteriormente analisar como se deram as construções visuais das mulheres no momento de produções das fanzines na Amazônia brasileira.

A IDENTIDADE DA MULHER NA HISTÓRIA DO OCIDENTE

As perspectivas dos estudos da Cultura Visual podem ser analisadas nos modos de ver e sentir os grupos humanos e, em formas de concebermos o conhecimento em nossas práticas e nas construções visuais das concepções de mundo. Assim, as construções históricas em suas mediações culturais entre homens e as mulheres, forjadas por meio das experiências históricas e socioculturais no ocidente, permitiram formas e papéis hierarquicamente diferentes entre si, que de certa forma, constroem modos de ver e, subjetivamente sentir um ao outro, colocando-se representações de superioridade nas relações e nos papéis sócio-históricos.

Com isso, os protagonistas identificados à concepção do sexo masculino na construção do mundo ocidental², permitiram formas de ver as mulheres como menores, inferiores, pelas formas de olhar e expor em sua arte histórica, em pinturas, esculturas, fotografias e no cinema, além dos anúncios publicitários e, mais recentemente nas redes sociais, com tantas outras formas de ver e conceber as visualidades através do olhar masculino.

Desta maneira, ao analisar as naturalizações dos modos de ver e ser da identidade feminina, a pesquisa sobre os *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (Butler, 2003), publicada originalmente no ano de 1990, descrita como: *Gender Trouble*:

²Entendo por mundo Ocidental pelas concepções dos Estudos Culturais os valores concebidos nas origens do patriarcado. Tem-se, portanto, o trabalho de Engels no século XIX, com uma descoberta das primeiras concepções da origem do patriarcado ocidental. Trabalho intitulado de: *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (ENGELS, 2002). Nesse sentido, buscando as origens religiosas, temos a pesquisa de referência, intitulada de: *De mulheres e de deuses* de Maria José F. Rosado Nunes. A autora discute as origens do caráter sagrado do patriarcado pelas perspectivas judaico-cristão e, assim afirma: "Uma das contribuições maiores de Adão, Eva e a Serpente é sua tentativa de elucidação das condições históricas, socioculturais e ideológicas que permitiram o surgimento da multissecular vinculação das mulheres à culpa, através da figura arquetípica de Eva. Colabora, assim, para o desvendamento das construções simbólicas que contribuem para perpetuar a situação de subordinação social e religiosa da população feminina. Dado que a *cultura ocidental* foi indelevelmente moldada por concepções e valores oriundos das interpretações cristãs da Bíblia, mesmo para quem considere o Gênesis apenas uma página literária, torna-se de real importância o estudo da evolução histórica e das raízes sócio-políticas dessas ideias". (Maria José F. ROSADO NUNES, 1992, p. 10, grifo meu).

*feminism and the subversion of identity*³, a feminista e filósofa Judith Butler, aborda as questões da identidade, fundamentada nas ações políticas do feminismo. Assim, Butler descortina a naturalização da descrição de uma identidade (mulher), por meio da construção política e cultural, vista como uma naturalização que é concebida em uma construção invisibilizada no discurso.

Com isso, a autora propõe refletir o questionamento, se tal forma de ser “mulher” é realmente imutável e universal, apresentada na história e nas fronteiras culturais, como vem sendo vista como natural, de princípio cultural, óbvio e claro em sua essência política.

De acordo com Beauvoir (1970), existem certas complexidades nas formas construcionais⁴ míticas da história representacional do feminino, conforme verifica a autora:

É sempre difícil descrever um mito; ele não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem nunca postar-se diante delas como um objeto imóvel. É por vezes tão fluido, tão contraditório que não se lhe percebe, de início, a unidade: Dalila e Judite, Aspásia e Lucrécia, Pandora e Atena, a mulher é, a um tempo, Eva e a Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeita; é a presa do homem e sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser (Beauvoir, 1970, p. 183).

Observo que, no sistema patriarcal que caracteriza o contexto sociocultural do Ocidente cristão, que perdurou praticamente a história mais recente, tornando-o cúmplice de uma forma de ver o mundo na própria hegemonia masculina, submeteu a imagem e o corpo da mulher a uma fragmentação ou parcialidade que pôs em evidência o foco do olhar patriarcal sobre nossas construções culturais. E isso continua também sendo perpetuado no período conhecido como Renascimento Cultural, pois se encontra na obra, *O príncipe*, em seu penúltimo capítulo, o XXV, intitulado: *De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de*

³ Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade (tradução minha).

⁴According to the aforementioned researcher, the concept of constructional can be seen in the language as: “*the creation of formnew-meaningnew (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas Always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created microconstructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful*” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22). Segundo o pesquisador supracitado, o conceito de construcional pode ser entendido na linguagem como: “a criação de um novo sentido, de novas (combinações de) signos. Ele forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhado por mudanças no grau de esquemática, produtividade e composicionalidade. A construção de esquemas sempre resulta de uma sucessão de microetapas e, portanto, é gradual. Da mesma forma, novas microconstruções podem ser criadas gradualmente, mas também podem ser instantâneas. As microconstruções criadas gradualmente tendem a ser procedimentais, e as microconstruções criadas instantaneamente tendem a ter conteúdo ” (tradução minha).

que modo se deve resistir-lhe, onde Maquiavel apresenta ao Príncipe Lourenço, conselhos sobre a reestruturação da Itália, comparando-o a uma mulher, ao qual diz:

Estou convencido de que é melhor ser impetuoso do que circunspecto, porque a sorte é mulher e, para dominá-la, é preciso bater-lhe e contrariá-la. E é geralmente reconhecido que ela se deixa dominar mais por estes do que por aqueles que procedem friamente. A sorte, como mulher, é sempre amiga dos jovens, porque são menos circunspectos, mais ferozes e com maior audácia a dominam (Maquiavel, 1996, p. 133-134).

Portanto, nas bases da cultura ocidental e nas condições impostas aos modos de ver e perceber as mulheres, estão as perspectivas do feminino que foram construídas ao longo da história do ocidente. Talvez, um momento em que houve certo reconhecimento à mulher, tenha sido posteriormente atribuído ao período do Iluminismo, nos quais as rupturas ocasionadas pela Revolução Francesa apresentou com resultado a Declaração do Direito do Homem e do Cidadão, embora, este corpo documental não esboçou espaço adequado à participação das mulheres em tomadas de decisões no campo social e político. No entanto, ao período de 1789, Nicolas de Condorcet ou Marquês de Condorcet⁵ escreveu e publicou um ensaio sob o título de: *Sobre a admissão das mulheres aos direitos da cidadania*. Assim, temos a produção que pode ser considerada, uma das primeiras obras no mundo que tenta corrigir o respeito aos direitos políticos de participação das mulheres na sociedade.

Portanto, as mulheres na história do ocidente foram deixadas de lado, vistas apenas como objeto de contemplação do homem. Assim, podemos ver na obra: “*Escrever a História das Mulheres*” de Duby, Georges e Perrot, Michelle, (1995, p. 07), que estes vão apresentar as mulheres que: “durante muito tempo” [...], foram “deixadas na sombra da História”. Pois, tais mulheres são visualizadas como objetos em espelhos de construções mentais do homem. Nessas práticas, procuravam difundir e naturalizar concepções abstratas do conceito da beleza, dos amores, de desejos sexuais e verdades absolutas.

Embora, em concepções das mulheres do ocidente tenham ocorridos ocultamentos no sentido de participar ativamente das produções da arte, política e, das guerras e que, o protagonismo em construções de visualidades do feminino no mundo ocidental não foram postas como ocultas, pois de acordo com Michelle Perrot (2005) em determinado momento da História ocidental, houve resistências às tentativas masculinas de silenciá-las, explicando que:

As mulheres não respeitaram estas injunções. Seus sussurros e murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedoras de boas ou más reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das

⁵Marie-Jean-Antoine-Nicolas de Caritat (1743-1794) ou Marquês de Condorcet, filho do cavaleiro de Condorcet, capitão de cavalaria, e de Madeleine Gaudry, nascido em Ribemont, na região da Picardia (ALVES, 2010, p. 2).

lojas, inflados às vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião (Perrot, 2005, p. 10).

Posto isto, as modificações empreendidas por mulheres no ocidente em tentarem resistir aos silenciamentos impostos pelos homens, somente foram possibilitados efetivamente a partir da segunda metade do século XX, pois, temos ao momento que as mulheres começam a participar em oportunidades graduais, modificando-as situações das “mulheres na vida cultural, [...] nas sociedades ocidentais” (Duby; Perrot, 1995, p. 351).

AS REVISTAS *FANZINES* NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: *SKATISTAS* DE MANAUS - AM E BOA VISTA – RR (1999 A 2003)

A palavra *fanzine* surgiu da contração do inglês *fan*, de *fanatic* (fanático), fã de algo, e *zine*, de magazine, (revista, jornal). Assim, de acordo Magalhães (2008, p.27) na pesquisa “*Em rebuliço apaixonante dos fanzines*”, o pesquisador afirma que as *fanzines*:

É uma publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, impressa em mimeógrafos, fotocópias ou pequenas impressoras 'offset', produzidos por fãs isolados, grupos e associações ou fã-clubes de determinada arte, personagem, personalidade, 'hobby' ou gênero de expressão artística, para um público dirigido, podendo abordar um único tema ou mistura de vários.

Desta maneira, o que vai unir os amadores das *fanzines* entre os anos de 1999 a 2003, nas cidades de Manaus e Boa Vista, é a paixão pelo esporte *skate*. Estes, inspirados em revistas de grande circulação da época, procuram reproduzir pequenas revistas que abordavam as temáticas das regiões em que vivam o esporte, pois, para obterem uma imagem fotografada de suas experiências em revistas renomadas que circulavam à época, como a Cem Porcento (100%)⁶ *Skate* e a Tribo *Skate*⁷, eram necessários terem algum tipo de patrocínio ligados às grandes marcas do *skate*⁸, possivelmente, foram essas razões para as produções das *fanzines*.

Outro aspecto proposto ao encontrar as subjetividades das *fanzines*, como possível refúgio em suas mediações socioculturais e, nas idealizações culturalmente elaboradas, seriam contrapor os moldes postos diariamente em circulações por grandes revistas. Portanto, é neste espaço que as *fanzines*, compartilhavam o objetivo de ir contra a informação selecionada e

⁶A revista especializada no destaque do mercado editorial brasileiro: Cem Porcento (100%) *Skate*.

⁷A revista Tribo *Skate* foi criada em 1991.

⁸De acordo com a pesquisadora Figueira (2008, p.30), em sua tese de doutorado coloca que: “o mercado deste esporte fatura 200 milhões de reais por ano. Produzindo e alimentado por empresas tais como a *Crail*, que concentra sua em peças e exporta para os Estados Unidos e Europa; A *Quix*, que fabricam calçados e exporta para o MERCOSUL e a *Drop Dead/Drop Shoes* que, além de produzir peças, ampliou seus produtos para o mercado de vestuários e calçados, exportando para alguns países do MERCOSUL e Japão. Além dessas empresas, outras se destacam como patrocinadoras de alguns atletas tais como as multinacionais, *Reef*, *Element*, *Lost* e *Plasma*”.

poderosa dos grandes veículos da época, as fanzines procuravam os entornos midiáticos para vislumbrarem formas de comunicação e de modos de vida. Pois, possivelmente, a contrainformação que ela buscava resistir eram possibilidades de novas visualidades contraculturais.

Com isso, verifico como as mulheres eram fotografadas em revistas da época, ao analisar a publicação da revista *Tribo Skate*, publicada no ano 2000.

Figura 1 – Revista Tribo Skate



Fonte: Revista Tribo Skate, 2000.

Assim, observo que existe uma intencionalidade ao colocar na imagem do *skatista* na Alemanha, duas mulheres loiras servindo-o com cachos de uvas, sendo que, as mesmas estão usando biquínis e o *skatista* está sentado em uma cadeira de praia, com o *skate* aos seus pés, enquanto as mulheres estão servindo-lhe as uvas. Na fotografia elaborada pelos editores da revista e, fotografada por Bolota e Shin Shikuma, encontram-se o seguinte texto: “Tudo que Og sempre quis e gosta: trabalho e lazer. É bichinho!” (Tribo Skate, 2000, p.14).

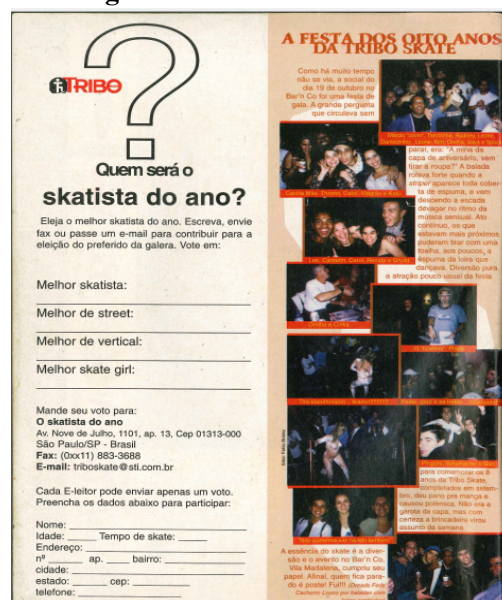
Ainda, sobre a própria matéria da revista, os editores tecem os seguintes comentários sobre a própria edição em questão, afirmando:

Todo o espaço de uma revista visa expressar conceitos sobre um determinado gênero ou assunto. Esse que vocês lêem agora, particularmente ***está decidido a fugir à regra e enfocar uma pessoa que determinantemente contribui para a imagem do esporte que você pratica***. Não estamos oferecendo essa importante página de uma edição mensal e mais algumas que você terá oportunidade de acompanhar, por pura demagogia. Sabemos que todos acreditam que o *skatista* Og de Souza é um capítulo à parte no *skate* nacional e mundial [...], Primeiro em uma Feira de deficientes em Munique, na Alemanha, depois, o evento em Dortmund. Valeu muito sentir como as pessoas do lado de lá dão valor ao *skate* que esse nordestino apresenta (Tribo Skate, 2000, p.14, *grifo meu*).

Portanto, embora os editores demonstrassem uma construção visual da imagem como *skatista* vitorioso por ser um atleta deficiente físico, e que recebia patrocínios por participar dos eventos internacionais como na Alemanha em 2000, os redatores utilizam das imagens de mulheres loiras com biquínis servindo uvas a Og de Souza, demonstrando visualmente as conquistas do atleta masculino e o *status* em que ocupava naquele momento. Desta maneira, perpetua culturalmente e contribui para que, as mulheres sejam visualmente vistas como objeto de desejo das conquistas masculinas, pois, a revista propunha como prêmio ao momento de lazer as mulheres loiras, e conquistar o espaço no *skate* internacional, significava também ter ofertas de mulheres como premiação aos resultados do esforço no esporte *skate*.

Há, ainda, a imagem construída da mulher como objeto de desejo, na revista Tribo, do ano de 1999.

Figura 2 – Revista Tribo Skate



Fonte: Revista Tribo Skate, 1999

Novamente, na festa de comemoração dos oito anos da Revista Tribo, há a utilização da figura feminina como objeto de premiação e conquista das publicações e sucesso das revistas. A matéria apresentada faz alusão à seleção de votação dos melhores *skatistas* do ano de 1999 nas modalidades, incluindo o *skate* feminino (*girl*), que deveriam ser encaminhados pelos correios. Mas, nas fotografias da festa, aparecem os seguintes trechos dos redatores:

Como há muito tempo não se via, a social do dia 19 de outubro no Bar'n Co foi uma festa de gaia. A grande pergunta que circulava sem parar, era: "A mina da capa de aniversário, vem tirar a roupa?" A balada rolava forte quando a *striper* aparece toda coberta de espuma, e vem descendo a escada devagar no ritmo da música sensual. Ato contínuo, os que estavam mais próximos puderam tirar com uma toalha, aos poucos a espuma da loira que

dançava. Diversão pura, a atração pouco usual da festa. Para comemorar os 8 anos da Tribo Skate, completados em setembro, deu pano para manga e causou polêmica. ***Não era a garota da capa, mas com certeza a brincadeira virou assunto da semana.*** A essência do skate é a diversão e o evento no Bar'n Co, Vila Madalena, cumpriu seu papel. Afinal, quem fica parado é poste! Fui!!! (Dread Feds, Cachorro Louco por baladas ***com loiras arretadas***) (Tribo Skate, 1999, p. 94, *grifo meu*).

Desse modo, há na construção da mulher loira, profissional que faz *strip-tease*, festejada e esperada no aniversário da revista em espetáculo teatral, à construção visual da mulher como objeto sexual de desejo dos *skatistas*. Desta forma, apresenta-se a mulher como Barthes (1977, p.72) aborda: “mais do que uma festa do corpo humano, o teatro tem a dimensão ritualística da festa, da celebração dos sentidos, através da arte e da beleza, [...]. É preciso também que o traje exista: os atores não podem, afinal de contas, aparecer nus!”. Embora, a arte da nudez fora construída ao longo da história como parte da humanidade, a mulher aqui é vista como objeto de desejo masculino.

Desta forma, a mulher aparece nas fotos de Fábio Bolota, ensaboada, rebolando para um grupo de homens que a deseja sexualmente, enquanto gritam “Tira espumonzon... tirazon!!!!!!!!!!” (Tribo Skate, 1999, p.94). Com isso, a visualidade e performance da mulher em *strip-tease*, busca realizar desejos sexuais dos participantes masculinos no aniversário da revista. É, portanto, nesse sentido, que Barthes vai atribuir à mulher nua, vestimentas como camadas de signos anteriores à sua nudez, como projeção erótica e esperada ao espetáculo ritualístico, o feminino sendo desnudado.

As revistas que circulavam na época entre os *skatistas* construíam a imagem da mulher como objeto de desejo masculino, seu corpo deveria ser possuído pelos praticantes do esporte. Com isso, o desejo masculino pela mulher fazia parte dos modos de ver e sentir o feminino, a mulher além de ser objeto de desejo, representava o belo, sua erotização fazia parte da cultura e do mundo do esporte skate. As visualidades do feminino ligadas ao desejo sexual eram as fantasias e as conquistas de todos.

Analisando ainda as revistas dos *skatistas* de grandes circulações no Brasil, verifico outra imagem que representa a construção visual da mulher erotizada, objeto de desejo do homem, podendo assim demonstrar que o espaço do skate além de ser visto como um lugar do masculino, da garotada, rapaziada, era também o lugar em que as mulheres eram visualmente concebidas como premiações, conquistas dos heróis do *skateboard* brasileiro.

As construções visuais da mulher erotizada, podem ser vistas na divulgação da marca de skate, *Serial Killer*⁹

Figura 3: Serial Killer – Revista Tribo



Fonte: Revista Tribo Skate, 1999

Observando a imagem, constato que a mulher loira com dois *shapes* tampando os seios e a vagina, e com a bota fetichista, que conforme Stelle (1997, p. 108): "o pé descalço [...] não guarda segredos [...] mas uma vez coberto, ele se torna misterioso e proibitivo, por isso fascinante", enquanto que, com sua língua lambe o *shape*. Na mesma imagem, aparece em um dos *shapes* cena do filme: *Pulp Fiction*, EUA, do ano de 1994, dirigido por Quentin Tarantino e que tem como personagens, o *gângster* e um *pugilista*, na cidade de Los Angeles na década de 1990. O nome *pulp* vem das revistas de emoções dos anos de 1900. Nesse sentido é que as tramas da indústria de produção dos *shapes* da marca *Serial Killer*, realizam uma mistura de desejo sexual masculino e as práticas *skateboard*.

Isso remete a pensar, o poema: "*a língua lambe*" em o amor natural, escrito em 1992 por Carlos Drummond de Andrade. O poema descreve que tudo está ligado à língua, tanto o prazer de falar, como gozo do desejo sexual¹⁰:

⁹KILLING SINCE 1997 - SERIAL KILLER(TM) SK8BOARD COMPANY. Established in. 1997 Serial Killer Inc of Manhattan Beach CA has a long proud history for over 20 years as a Sk8 and lifestyle driven company. Well known for its creative work and high quality apparel. Our brand is not just focused on sk8boarding but the art, music and creativity with a strong penchant for originality that fuels sk8 culture. Serial Killers mission is to showcase, elevate and perpetuate the street sk8 culture from which it was born. In 2019 Our founders revived the brand after a 15 year absence from *skateboarding* to relaunch Serial Killer (TM) as a premium SK8 brand understanding its strong and loyal cult following extending the brand into *skate* and snowboard hardware with limited production numbers of deck designs, apparel and artist collaborations. Disponível em: <https://www.serialkillerbrand.com/our-story>. Acesso em 28 de abr. de 2021.

¹⁰FERREIRA, Clécia Néri. **A complacência de Eros: o paradoxo amoroso em "o amor natural", de Carlos Drummond de Andrade**. Monografia (Centro de Ciências Humanas Letras e Artes). Licenciatura em Letras, Universidade Federal da Paraíba - Paraíba, p.31, 2019.

A LÍNGUA LAMBE

A língua lambe as pétalas vermelhas
da rosa pluriaberta; a língua lavra
certo oculto botão, e vai tecendo
lépidas variações de leves ritmos.

E lambe, lambilonga, lambilenta,
a licorina gruta cabeluda,
e, quanto mais lambente, mais ativa,
atinge o céu do céu, entre gemidos,
entre gritos, balidos e rugidos
de leões na floresta, enfurecidos.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. O amor natural, 1992).

É desta maneira, que temos a mulher fotografada nua com os seios e vagina coberta por *shapes*, com botas fetichista lambendo um dos *shapes* para expressar o desejo do masculino, construída e produzida como objetificação sexual aos homens¹¹. Dessa maneira, as mulheres passam a serem visualmente corpos, objetos de prazer sexual dos homens, visualidades de modelos femininos em objetos do desejo do macho (Fredrickson; Roberts, 1997; Smolak; Murnen, 2011; Hlavka, 2014).

Posto isso, já problematizado as construções visuais da mulher em narrativas de revistas de grande circulação do *skate* no Brasil em conteúdos anunciativos de marcas estrangeiras, verifico tentativas contrárias a essas dos conceitos de objetificações de corpos femininos em *fanzines* encontradas do ano de 1999 a 2003, que foram produzidas por *skatistas* masculinos na Amazônia brasileira. Destarte, a *fanzine* intitulada de: “**Periféricos Sk8XZine, número 5, ano I. de 1999**”, apresenta algumas destas tentativas de desconstruções visuais dos corpos sexualizados das mulheres estrangeiras e brasileiras nas grandes revistas do *skate* na época.

No entanto, as *fanzines* procuravam considerar outros aspectos visuais quanto às construções do feminino, principalmente no que tange às próprias práticas *skatistas*. O que se pode pensar é que o contexto sociocultural das regiões estudadas, utilizasse do próprio histórico do *skateboard*, como a não participação em revistas de grandes marcas que normalmente eram produzidas nos grandes centros comerciais brasileiros, por isso, passam a criar suas próprias narrativas quanto à participação das mulheres no *skate* local. Vejamos o uso das imagens e das fotografias ao longo das *fanzines*.

¹¹Sobre o uso da mulher na publicidade, Michelle Perrot expõe: “Saborear o biscoito é saborear a mulher. Ainda hoje, o corpo feminino, silencioso e dissecado, continua sendo o principal suporte da publicidade”. PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (Org.). O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003. p. 13-27.

Figura 4: Periféricos Sk8xzine



Fonte: Periféricos Sk8xzine, 1999.

No texto produzido pelos *skatistas* da *fanzine*, no ano de 1999, surgem os seguintes comentários dos redatores quanto à participação do sexo feminino entre os *skatistas* do sexo masculino. Desta maneira, abordavam os seguintes aspectos sobre as práticas das mulheres e suas participações entre o grupo:

Muitas garotas não andam de *sk8*, por vergonha, ou até mesmo por pensar que os garotos estão ou vão zoar delas. Esse tipo de coisa; não acontece com frequência. Na maioria das vezes isso também é bastante fantasiado por meninas que fazem *zines*, e querem *dar uma de partidárias feministas*. Coisa que não rola na vida real. Ser *skatista* e pensar em ser atletas, não radicais em *sentido modo sexual masculino e feminino*, tanto faz quanto o outro. O que as meninas tem que fazer mais, é parar de "cortar" e tirar o *skate* de debaixo do Braço, isso sim. O que queremos é evolução em massa. Não é só Blá, Blá, *sk8*, blá. Se você *skategirl* tiver alguma crítica mande uma carta e aguarde a resposta. Consciência. Sk84éver! (Periféricos Sk8xzine, 1999, p.15 grifo meu).

A crítica levantada pelos *skatistas* masculinos era que, as meninas estariam sofrendo preconceito por parte dos *skatistas* masculinos, embora, a crítica tenha surgido de *fanzines* produzidas por meninas, que de acordo com os *skatistas* masculinos, estas por serem influenciadas por feministas criaram uma fantasia quanto ao preconceito que diziam estarem sofrendo. Ao mesmo tempo, alertam que as diferenças entre o masculino e o feminino, que estas concepções de gêneros não devem criar obstáculos às práticas do *skate*. Pois de acordo com os redatores, o mais importante é praticar o *skate*. Desta forma, as próprias diferenças sexuais iriam desaparecer, desejando com isso, o crescimento do esporte ao invés de intrigas. E, pedem as "*skategirls*" para mandarem suas críticas para os redatores da *fanzine*, e assim,

teriam uma resposta quanto às sugestões que as incomodava, além de apresentarem as soluções para as *skatistas* garotas.

Contudo, o desenho desenvolvido para representar as garotas *skatistas* em 1999 na cidade de Manaus, constrói uma visualidade do feminino perante o masculino. No entanto, não se pode deixar de observar, o alerta do historiador Burke (2004, p.1), quanto ao uso desta imagem, visto que “as imagens também podem ser traduzidas, no sentido de que conseguem ser adaptadas para uso em um ambiente diferente do que foi inicialmente idealizado”, desta forma, as imagens bem como a moda, são ressignificadas com o tempo. Por isso, uma imagem pode ter significados visuais para a época de quem vivenciou o momento, contrariamente, o outro pode visualizar em tempos diferentes do vivido e sentido, pois, percebe e sente outras experiências com a imagem em outra época.

Portanto, a garota desenhada como modelo do *skate* feminino em 1999 aparece com calças largas, tênis, blusa folgada, cabelos compridos e amarrados com um adereço, além de brinco em formato de argola e uma tatuagem no braço. Aqui temos as construções visuais produzidas de uma *skatista* feminina. Deste modo, pensando nas projeções visuais em desenhos imagéticos, buscamos em Mitchell (2015, p. 194) abordagem de imagem tanto no que produz como no que consome, para assim dizer: “as imagens não são reflexos, sombras ou artifícios, são seres vivos, quer dizer, organismos dotados de desejos” e, continua “se amamos vê-las, é pela capacidade que temos de lhes emprestar ou de lhes subtrair ao mesmo tempo vida e vontade” (p. 200). Com isso, o desejo expresso dos produtores da *fanzine*, torna o feminino vivo quando refletido ao perfil desenhado da “*skategirl*” e consumido pelos leitores.

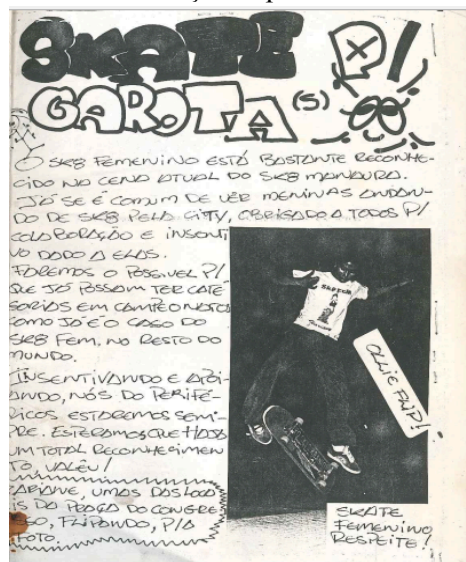
Na *fanzine* “**Periféricos Skate Zine - Edição Especial - 2000, Nº 6, Ano II**”, publicada em Manaus, encontramos várias fotos rememorando campeonatos, *sessions*, grafites e outras expressões da época, entre tantas imagens, temos um espaço ao skate feminino:

Skate p/ garota (s). O skate feminino está bastante reconhecido na cena atual do sk8 manauara. Já se é comum de ver meninas andando de sk8 pela city, obrigada a todos p/ colaboração e incentivo dado a elas. Faremos o possível p/ que já possam ter categorias em campeonatos como já é o caso do sk8 Fem. no resto do mundo. Incentivando e apoiando, nós dos periféricos estaremos sempre. Esperamos que haja um total reconhecimento, valeu! Cariane, uma das locais da Praça do Congresso, Flipando, P/S Foto. Skate Feminino Respeite! (Periféricos Skate Zine, 2000, p.22 grifo meu).

Os redatores da *fanzine* descrevem que o *skate* feminino tem sido reconhecido na cidade de Manaus, identificando a presença das meninas praticantes do esporte. Segundo os

redatores um dos motivos que isso estava acontecendo era devido o apoio que recebiam para práticas do *skate*.

Figura 5: Periféricos *Skate Zine* – Edição Especial



Fonte: Periféricos *Skate Zine*, 2000

No espaço da *fanzine* dedicado ao *skate* para garotas aparecem pontos importantes para pensarmos as construções visuais do feminino. Primeiramente, aparece um desenho no canto superior esquerdo da imagem, o desenho na forma de palito, identificado como se estivessem representando uma menina segurando o *skate*. No canto superior direito, tem-se um desenho em forma de grafite utilizando representações de *skates* para formar o que seria um rosto feminino. A garota Cariane, que está na fotografia, realiza a manobra conhecida como *ollie flip*, um giro de 180 graus em forma de parafuso embaixo dos pés. Usa calça jeans, tênis e blusa folgada. E, o interessante é que na blusa, encontra-se escrito “sk8 fem.”, logo abaixo da fotografia, a mensagem “*Skate Feminino. Respeite!*”.

Percebo que as visualidades identificadas para se construir o perfil da *skatista* feminina, em Manaus na *fanzine* no ano 2000, tem um pouco com aquilo que Figueira e Goellner (2009, p.96), comentam sobre as participações das mulheres no esporte *skate*, afirmando que “desde seus primórdios elas vêm protagonizando diferentes formas de vivenciá-lo em que pese o silêncio narrativo sobre essa presença”. O que tentam demonstrar é o silenciamento por trás da presença das mulheres em poucas publicações do *skateboard*. Por isso, as autoras vão apresentar que “na narrativa historiográfica sobre o *skate*, principalmente, no que respeita a inserção e permanência das mulheres nessa prática, nas quais, não raras vezes, sequer são mencionadas” (Figueira; Goellner, 2009, p.97).

No ano 2000, há a produção da primeira *fanzine* na cidade de Boa Vista. Época efervescente do *skate* na cidade. Analisando as páginas da revista, encontramos pouco espaço para o público feminino, sendo bastante semelhante com as *fanzines* publicadas em Manaus, nas quais pouco mencionava as práticas de *skatistas* mulheres. Desta forma, encontramos na capa da revista as seguintes descrições: "**Edição de Lançamento! A 29, primeira zine de Boa Vista! Ano I, Edição 1. 29.11.00**". Além disso, o desenho da capa é assinado por Max Delly.

Nas páginas da revista, identifico anúncios de eventos, campeonatos, fotos de *skatistas* do sexo masculino e, algumas meninas na condição de expectadora ou namoradas dos *skatistas*. Mas, em meio às informações, há duas páginas dedicadas ao *skate* feminino.

Figura 6: A 29, primeira *zine* de Boa Vista.



Fonte: A 29, primeira *zine* de Boa Vista, 2000.

Na página de número 6 da *fanzine*, a esportista identificada como Roberta, aparece realizando a manobra sobre o *skate*, *Ollie*, que consiste na realização de um salto com o *shape* grudado aos dois pés. E, os redatores descrevem os seguintes comentários na página que tem a fotografia da *skatista*:

Acredite no que você vê, e não no que os outros falam [...]. Nunca menospreze a capacidade de um jovem [...]. Roberta *ollie* na base [...]. O crescimento das meninas que andam de *skate* **vem causando grande preconceito por parte dos pais, e da sociedade**. Porém isso já era de se esperar de uma cidade esquecida e isolada do mundo que vive de injustiça. Onde quem está em cima só sabe pisar em quem está em baixo em vez de estender a mão e ajudar. "**coragem meninas e arrochem!**" (A 29, 2000, p. 6, grifo meu).

Identifico vários aspectos nas construções visuais em torno da imagem da *skatista* do sexo feminino, quanto na redação abaixo desta e no corpo da página próxima da fotografia. Diante disso, há falas que demonstram incentivos como: “nunca menospreze” e, “acredite no que você vê”, na ideia de introduzir a condição sociocultural das *skatistas* femininas na cidade

que, de acordo com os redatores às práticas do *skate* em Boa Vista no ano 2000, estavam enfrentando formas de preconceitos.

Conforme relatam na *fanzine*, estes abordam que os próprios pais das garotas não concordavam que suas filhas praticassem o esporte, mas, não apresentam os motivos que vinculem as proibições familiares em praticar o *skate*. Citam também, que a própria sociedade estaria criando preconceitos, quanto as praticantes femininas. E, atribuem aos fatores que condicionavam os preconceitos impostos às garotas, a localização da cidade de Boa Vista, frente aos grandes centros e, a condição histórica marcada por injustiças locais. Com isso, as praticantes femininas não tinham qualquer tipo de apoio para serem atletas do *skate* no ano 2000, diante dessas condições impostas e atribuídas às garotas.

Na página 7, aparece o desenho de uma *skatista* feminina. Isso pode ser identificado, pelos próprios traços do desenho que carregam fortes semelhanças com a *fanzine* Periféricos do *Skate* da cidade Manaus do ano de 1999. O desenho segue os mesmos traços do rosto, do cabelo e até o adereço do cabelo e o brinco, que foram usados no desenvolvimento do desenho na *fanzine* de 1999. Com leves diferenças no rosto, pois a garota do desenho de 1999 está com o rosto baixo e a garota de 2000 da *fanzine* de Boa Vista aparece com o rosto levantado.

Ainda analisando o desenho, observo que aparece uma tatuagem no braço direito da garota igualmente com aquela do ano de 1999, com uma suave diferença em relação ao desenho da tatuagem, pois esse era o número 29, identificando-o com título da revista de lançamento. Outro ponto visto na *fanzine*, é que a blusa está mais justa e marcando o corpo da garota, avantajando os seios, tendo na cintura um cinto como acessório da calça, enquanto segura o *skate* em umas das mãos. Com isso, o desenho ficou mais rico em detalhes que na versão do ano de 1999. Posto isto, percebo que as inspirações tracejadas no desenho para representar o *skate* feminino em Boa Vista no ano 2000, carrega profundas semelhanças com o construído no ano de 1999 na *fanzine* de Manaus e, termina com a mesma frase: “sk8 girl”, apontando com uma seta para o texto da página ao lado.

Na *fanzine* de Boa Vista, 29 *Skate Zine*, edição número 02, lançada em 2003, dois anos após a primeira versão, não há qualquer imagem de *skatistas* femininas, de forma que em toda a produção aparecem apenas *skatistas* masculinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem das construções visuais em imagens de revistas fanzines com *skatistas* femininas, além da imagem de mulheres no período estendido de 1999 a 2003 nas cidades de

Manaus e Boa Vista, duas capitais da região norte do Amazonas, demonstrou a utilização visual destas imagens com várias propostas.

Analisando as revistas de grande circulação do mercado do *skate*, percebo que a utilização das imagens com mulheres estavam mais voltadas para proporcionar aos leitores o desejo sexual por mulheres, visto que, as construções das imagens, seguem uma lógica mercadológica, pois, as mulheres são apresentadas como visualmente “gostasas” “sensuais” “erotizadas”, objeto de desejo do masculino.

Nas *fanzines*, as “sk8girl”, seguem outras visualidades, os redatores estão mais preocupados em apresentar a participação do segmento feminino no esporte *skate*, tentando construir uma imagem associada das mulheres no sentido esportista. Abordam temáticas do preconceito ao sexo feminino, como praticantes do skate. Mas, não deixam de criar estereótipos do perfil da *skatista* mulher.

Portanto, a pesquisa possibilitou identificar visualidades das mulheres praticantes do esporte *skate* entre os anos de 1999 a 2003, construídos a partir de revistas com redatores masculinos.

Nesse sentido, demonstrando as visualidades do feminino, as revistas de grande circulação apresentam as mulheres visualmente fotografadas e expostas nas páginas das revistas com objetos de desejo sexual do masculino, ligadas aos praticantes de skate como triunfo das suas conquistas, enquanto que, nas *fanzines* as preocupações das visualidades do feminino, estão muito mais ligadas ao esporte skate e a inserção das garotas como praticantes e representantes do esporte, como tentativa da desconstrução dos estereótipos do esporte skate, embora, criam-se outros tipos de estereótipos ao propor a participação das mulheres no skate.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. “A língua lambe”. **O amor natural**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.

ABREU, Carla de. **Imagens que não afetam**: Questões de gênero no ensino da arte desde a perspectiva crítica feminista e cultura visual. 2015. Disponível em: file:///C:/Users/carol/Desktop/TCC/carla_de_abreu.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

ALVES, Gilberto Luiz. Introdução (2009). In: CONDORCET, Marquês de. **Escritos sobre a instrução pública**. Trad. de Maria Auxiliadora Cavazzotti, Ligia Regina Klein e Fani Goldfarb Figueira. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 1-19.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: Edusc, 2004.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. (orgs.) **Escrever a História das Mulheres**. In: THÉBAUD, Françoise. **História das Mulheres no Ocidente**. O século XX. Porto, Edições Afrontamento, 1995.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Trad. Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2002.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. Skate e mulheres no Brasil: Fragmentos de um esporte em construção. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, V.30, n.3, p.95-110, maio de 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/254>. Acesso em 01 de mai. de 2021.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Skate para Meninas: Modos de se fazer ver em um esporte em construção**. Tese (Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 242. 2008.

FREDRICKSON, B. A. & ROBERTS, T. Objectification theory: Towards the understanding women's lived experiences and mental risks. **Psychology of Women Quarterly**, v. 21, p. 173-206. 1997.

HLAVKA, H. R. Normalizing sexual violence: Young women account for harassment and abuse. *Gender & Society*, v. 3, p. 337-358. 2014.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines** - João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

MITCHELL, J. T. **O que as imagens realmente querem?** In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Tradução coordenada por Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

ROSADO NUNES, M.J.F. **De mulheres e de deuses**. Estudos feministas, vol. 0, nº 0, CIEC/ECO/UFRG, 1992.

SMOLAK, L. & MURNEN, S. K. **The sexualization of girls and women as a primary antecedent of self-objectification**. Em R. Calogero, S., Tantleff-Dunn & J. K. Thompson (orgs.), *Self-objectification in women: Causes, consequences, and counteractions* (p.53-75). Michigan: American Psychology Association. 2011.

STEELE, Valerie. **Fetice: moda, sexo & poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional changes**. Oxford, 2013.

VICENTE, Tania Aparecida de Souza. Metodologia da análise de imagens. **Revista Contracampo**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: n. 4, 2000, p. 147-158. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/422/209>. Acesso em: 18 abr. 2021.